

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO,
AINDA



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO, AINDA

Prefácio de
Luiz Francisco Rebello



1998

Editor: Hugin - Editores, Lda.
Apartado 1326 - 1009 Lisboa Codex
Tel.: (01) 813 01 39 - Fax: (01) 814 42 12
Email: hugin@esoterica.pt

Grafismo: Júlio Sequeira

Composição e maquetagem: Hugin - Editores, Lda.

Montagem, impressão e acabamento: Sociedade Astória, Lda.

ISBN: 972-8310-85-4

Depósito Legal: 127731/98

Primeira edição: Outubro de 1998

In-ter-va-lo



Personagem: Margarida, Adelaide, Mestre de Cerimónia.

NOTAS À MARGEM PARA O PROJECTO DE ENCENAÇÃO DE «IN-TER-VA-LO»

Encenar um texto de Jaime Salazar Sampaio é sempre um risco acrescido. Julgo que será a mesma coisa que tentar fotografar o indizível: a certeza do texto equivale à técnica da experiência – no caso, os sulcos profundos nesse rosto tranquilo do dramaturgo; a dúvida da encenação será sempre a de quem não sabe se o momento escolhido é o mais oportuno – fotografar é congelar um momento de pensamento, e a estética duma encenação é um tempo fugaz.

«IN-TER-VA-LO» é para mim, que já tive o privilégio de encenar outros textos deste homem-sabedor, o desafio maior da sua dramaturgia. Se por um lado Adelaide e Margarida surgem como personagens perfeitamente nítidas, objectos limitados num enquadramento perfeito, já o seu tratamento exige o adivinhar dum tempo anterior à acção e o reconhecimento que o presente é parte integrante do construto da vida. Isto é, estas duas mulheres trazem consigo muito mais do que um nome ou um símbolo que se disciplina no final de um ensaio, uma vida própria, afectos coerentes, uma realidade copiosa que invade o espaço da actividade do encenador. É difícil criar um contexto legível para o espectador quando os objectos em cena evoluem no quotidiano. Passo a explicar: estas duas mulheres serão, no meu entender, as mais congruentes no universo feminino sempre presente na obra de Jaime Salazar

Sampaio. O jogo entre a realidade e o tempo de representação nunca foi, como neste caso, levado até limites tão extremos; por cada fala de Adelaide ou de Margarida mais do que o dito há a existência do vivido. E é aqui que reside a dificuldade maior em encenar este texto, tendo como facto adquirido que há um momento em que a encenação termina, está pronto o produto final para o juízo do espectador. «IN-TER-VA-LO» é pelo contrário um tempo permanente, como se para além de entender o passado das personagens que justificaria cada atitude do presente, houvesse necessidade de encenar a justificação da realidade que é mutável em cada inspiração, em cada ciclo do tempo que se cumpre, em todos os contactos interpessoais que nos facultam a mais-valia de viver.

Encenar o «IN-TER-VA-LO» é como fotografar a vida. A dúvida permanecerá sempre: terei escolhido o momento ideal para fixar uma ideia?

João Lázaro,
1998

ÍNDICE

Prefácio

40+4, Soma e Segue - Luís Francisco Rebello	7
---	---

E se. Por acaso. Ainda

Quantos caixotes são precisos para conter uma revolução? - Nota de Fernando Oliveira	17
E se. Por acaso. Ainda	21

Irmandade

Carta a um amigo que estando distante se vê todos os dias - Nota de João Lázaro	35
Irmandade	37

A Ínclita Geração

Esta Ínclita Geração - Nota de José Martins	61
A Ínclita Geração	63

In-ter-va-lo

Há Intervalo e In-ter-va-lo Nota de Sebastiana Fadda	165
Notas à margem para o projecto de encenação de "In-ter-va-lo" - por João Lázaro	171
In-ter-va-lo	173

Jaime Salazar Sampaio fala sobre "Teatro, Ainda" com Ana Maria Ribeiro	209
---	-----

Biobibliografia	219
-----------------------	-----